



## EDITORIAL

**Aprender a nadar**

Poderia ser “nós cansamos da música”, porque essa é a nossa edição menos musical, e isso é comemorável, pois mostra as outras áreas ganhando força e significância tanto para o emissor quanto para o receptor. Poderia ser e-politik de novo, e essa ideia passou pela nossa cabeça, não mentiremos ao caro leitor. A edição é política.

Com tantas manifestações pelo Brasil desde o mês passado, a política mais do que nunca se hibridou com a cultura e não parece mais possível separar uma da outra em níveis mais avançados de interpretação. O Roberto topou o desafio de fazer a ponte com a cultura na sua cobertura da versão pelotense dos atos nacionais. Também por aí, mas de uma forma mais subliminar, Tom Magalhães resolveu, em uma de nossas madrugáveis reuniões de pauta, abordar o lado cultural de uma tribo urbana que geralmente é mais vista pelo lado político.

Por fim, virou a edição do aprender a nadar. A cultura de protestos nas ruas renasce, e também nós engatinhamos na tentativa de compreender algo tão novo. Já na entrevista aqui ao lado, Rafael Andreazza, da Moviola Filmes, chega à conclusão de que a produção cultural em pelotas engatinha e amadurece ao mesmo tempo com o advento do ProCultura.

Seja política ou culturalmente, engatinhe conosco nas páginas a seguir.

## EXPEDIENTE

Ano IV - Edição #15 | julho 2013 | Pelotas, RS

**Editor/Fundador**

Deco Rodrigues | deco@ecult.com.br

**Editores**

Leon Sanguiné | leonbolivar@gmail.com  
Roberto Soares Neves | rsnows@gmail.com  
José Antonio Magalhães | jamagalhaes22@gmail.com

**Diretor Comercial**

Rafael Dutra | (53) 8117-6974

**Projeto gráfico e Diagramação**

Rafael Peduzzi | rafaelpeduzzi@gmail.com

**Impressão**

Gráfica Diário Popular - Pelotas/RS

**Tiragem**

4.000 exemplares

**Foto da capa**

José Antonio Magalhães

\*Impresso em papel imune, conforme Inciso VI, Artigo 140 da Constituição Federal\*

**Financiamento:**

ProCultura



# Rafael Andreazza, a Moviola e a produção cultural em Pelotas

**LEON SANGUINÉ**

Que Pelotas é uma cidade rica em termos culturais não é segredo para ninguém. Claro, não a “cultura” misturada com costumes, erro muito comum por essa e outras bandas. Existe muita gente fazendo o caminho exatamente inverso. Produzindo cultura ao invés de meramente reproduzi-la em todos os campos, do rap à escultura, da poesia à dança. Porém, essa produção criativa toda vem necessitada de organização. A possibilidade de inscrição de projetos em editais como o ProCultura parece ser um bom começo para que o produtor cultural pelotense trilha o mesmo caminho sensato e profissional de Rafael Andreazza, sócio da Moviola Filmes e professor na área de elaboração de projetos na UFPel.

**Por que escolheste o Cinema?**

Na verdade eu não escolhi. Quer dizer, não imaginava que ia fazer Cinema. Eu era estudante de Direito e fiz um filme na faculdade. Roteiro, produzi, gravei com aqueles que são meus companheiros até hoje, o Chico, o Rodrigo. Foi em 200...4 é, 2004. Aí fizemos um em 2005, em 2006 outro e eu fui tomando esse caminho, estudando também e juntei essa experiência com os estudos dentro da Moviola. É, a resposta é essa: Se formou um grupo que acredita e ama fazer isso.

**Como surgiu a Moviola?**

A Moviola surgiu através de um programa de rádio (na RádioCom). Era um espaço onde se discutia Cinema no rádio. Era originalmente a Cintia, o Chico e o Alexandre. Aí em 2007 saiu um filme chamado “Katangas Bar”. Depois em



Rafael Andreazza com Avendano Júnior

2008 o documentário “Estacionamento”, que foi quando eu entrei. Surgiu como programa de rádio, começou a produzir e agora produz mais de um filme por ano. Veio o “Futebol Sociedade Anônima”, que rodou em festivais, teve exibição na RBS e isso foi importante pra nos mostrar que valia a pena fazer. Sempre no coletivo. Aí veio “Marcovaldo”, “O Liberdade” e segue. Esse ano a gente tá com três projetos pro ano que vem, outros ainda mais pra frente. A ideia é exatamente essa: Profissionalizar. No início a gente fazia um filme muito assim: Pegava uma câmera e saía gravando. Sem recurso... Sem NENHUM recurso, só com recursos próprios. E agora o objetivo é entrar na lógica de conseguir produzir os filmes pagando os profissionais de uma forma cada vez melhor e distribuir de uma forma mais eficaz, com mais condições. Buscar os meios pra fazer, que é o que tá em voga hoje, as políticas públicas estão voltadas pra isso e a gente tem que aproveitar.

**Quais os benefícios e desafios de ser um produtor cultural em Pelotas?**

O benefício é ter o caldo histórico que Pelotas tem, apesar da depressão econômica que a região como um todo tá sofrendo. Pelotas tem uma história cultural muito rica, em diversos aspectos, e isso certamente é muito válido. As pessoas daqui também tem muita importância e resumiriam a questão. Pelotas tem muita gente boa e que quer produzir cultura e pra mim isso é ótimo, porque eu sou daqui, vivo aqui e gosto de trabalhar aqui. O desafio é muitas vezes a gente estar fora do circuito nivelado do país. Por mais que tenha internet, em termos de participação em eventos. De certa forma a gente está distante de Porto Alegre e também do centro. É muito difícil chegar nesses centros. Acho que essa é a maior dificuldade, mas a gente tem o que é mais importante, que é o trabalho sério, responsável e feito dentro das condições que nos são oferecidas. Mas até essa dificuldade, que é começar do

zero, tem o seu lado legal. Com isso a gente tá sempre agregando pessoas. Pelotas tem uma vocação, que tá despertando agora. Pelotas é uma cidade turística e não tem como falar em turismo sem aliar à cultura. É um discurso vazio pensar nas duas coisas diferentes, é ineficaz e vazio. Não acredito que Pelotas pode se desenvolver no turismo sem explorar as suas atividades culturais. E cultura perpassa por todas as áreas. Tudo é cultura. Outro desafio que se tem aqui é fazer essa cultura superar a si mesma. Superar essas “rusgas” históricas que tem por aqui e que são consideradas negativas.

**Como o advento dos editais como o ProCultura influenciam na produção de cultura?**

Foi superimportante, porque quando saiu despertou essa coisa de produzir cultura em Pelotas. Pensar numa lógica pra isso, pensar em conseguir recursos. Nunca se propôs muitos projetos em Pelotas e hoje a gente vê vários grupos, grandes e pequenos, outros ainda não formalizados como produtores culturais, que podem acessar a esses recursos e que tão mostrando o trabalho. Despertou esse caminho da produção cultural, de buscar, de fazer os projetos, de planejar o que se quer fazer e não pensar “bah, vamos fazer um filme e amanhã já saímos pra gravar”. Não, escreve o filme, formata o projeto,

pensa direitinho. Planejamento a médio e longo prazo, que é imprescindível pra se fazer um projeto cultural. E com isso se amadurecem as ideias, se discute mais. E o ProCultura ajuda nessa organização, já que é preciso responsabilidade pra lidar com dinheiro público, prestação de contas, essas coisas. Tu tens que ser um artista organizado. Fazer da arte um ofício. Embora, claro, a gente tenha vontade de já sair fazendo. O resultado tem sido várias coisas bonitas feitas com o ProCultura e a tendência é que o fundo aumente, já que tá em processo de amadurecimento. É o caminho pra termos uma lei municipal de cultura, um fundo municipal de cultura, pra seguir fazendo coisas cada vez melhores. Outra coisa: Se quer fazer disso um ofício, uma profissão, tem que propor projetos no âmbito da União, do estado e do município. Só mandar pro ProCultura não adianta. Se quer fazer isso mesmo, tem que correr atrás.

**Quais as diferenças entre uma produtora independente e uma oriunda de grandes grupos?**

Basicamente os recursos pra produção. E na produção também entra o marketing. Os sucessos de bilheteria são os filmes que tem um aparato de mídia que leva as pessoas a eles. Tu chega no shopping e vê o cartaz do filme. Claro, isso dá uma vantagem enorme frente o

independente. A gente tem agora a lei da TV paga que abriu uma janela MUITO importante pro produtor independente, porque o que caracteriza um produtor independente é não ter onde exibir seu filme, não é associado a uma janela de exibição. E essa não-associação prejudica o filme em termos econômicos, que, sim é algo importante. Porque precisa se pensar de alguma forma em obter retorno através do teu produto, mesmo que se leve muito em conta o recado a ser passado e o que será deixado pra comunidade.

**A Moviola produziu, em 2011, o documentário “O Liberdade”, contando a história e histórias do lendário bar de chorinho pelotense.****Como surgiu a ideia e porque fazê-lo?**

Há muito tempo se fala em fazer um documentário sobre o Liberdade. A Cintia começou em 200...8 a fazer, gravar. Mas acabou ficando engavetado. Quando saiu o futebol (Sociedade Anônima), alguém levantou na plateia e falou “e o Liberdade?” e ficou um silêncio constrangedor. Aquilo ficou matutando na nossa cabeça e, quando saiu o primeiro ProCultura, decidimos que era o momento do Liberdade. Eu vou lá desde 1998, é um lugar que requeria o registro. Pelo próprio filme a gente via essa coisa muito local do bar. Representa muito a cidade.



Equipe e “elenco” do documentário “O Liberdade”, de 2011

**José Antonio Magalhães**

José Antonio Magalhães é editor/redator do e-cult, advogado não praticante e especialista em generalidades.

**Música de protesto**

Escutem de novo “The Times They Are A-Changing” (1964), do Dylan. Não tem uma linha da letra que não caia como uma luva aos recentes protestos. Ainda assim, algo na canção faz com que ela não feche com o momento. Me parece que seja algo no seu tom, na sobriedade do folk, na sua direta ingenuidade, nessa quase reza que diz “nós estamos unidos nisso”. O mesmo vale, é claro, para o “caminhando e cantando” de Vandré e para qualquer uma do Chico. Resumindo, o que falta a essas canções é pós-modernidade.

Isso porque essa onda de protestos mundiais, difusos e organizados pela internet é a encarnação da pós-modernidade no sentido de que há sempre uma pluralidade de narrativas sobrepostas cujo sentido está em constante disputa. A ausência desse sentido claro e de uma ideia de união é que mina a possibilidade da canção-protesto nos moldes aos quais estamos acostumados. Para dar um exemplo do próprio Dylan, a inquietante “Ballad of a Thin Man” parece mais adequada ao clima atual, com sua letra surrealista e seu “you know something is happening here, but you don’t know what it is”. No Brasil, eu citaria “Tropicália”, de Caetano, como representante desse gênero, com seu movimento-carnaval - mani-festa-ção.

Mas isso tudo ainda são os anos 60, ditaduras militares, guerra do Vietnã. Permanece a questão se é possível a canção de protesto pós-primavera-árabe, a canção de protesto na internet – e isso no Brasil. No internacional, a hype mais pós-colonialista dos últimos tempos foi a electro-funkeira-talibã M.I.A. Na recente “Bring the Noise”, ela incita a galera contra os bancos e manda que “freedom is just another word”, lembrando o discurso do filósofo pop Slavoj Žižek ao movimento Occupy.

Aqui no país tropical, o clima andava bastante ameno ultimamente, com a eufônica pós-bossa de Marcelos Camelos, Janecis, Mallus e Ciceros (cujo “mas tudo bem / o dia vai raiar / pra gente se inventar de novo” é muito pouco incisivo pra fazer efeito), e o novo-rap pelegão de Criolos e Emicidas. Por outro lado, mesmo antes dos protestos de junho já estavam por aí coisas como a premonitória “Reinação” da Apanhador Só, que parodia o Hino Nacional cantando “um brado forte e retumbante se espalhou nos meios-fios / teve gente que sorriu”, o debut da El Efecto, cuja faixa-título “Pedras e Sonhos” não faz feio como épico dos protestos, ou a “Guitarristas de Copacabana” da Karina Bühr - que por sinal é, com sua estética arábica-pénnambucana-from-space, a coisa mais próxima que temos de uma M.I.A. Essas canções todas são, em um sentido ou em outro, do caos, ainda que soem notas de esperança, como é o caso da “Reinação”, ou que tenham vontade de coletividade, como se vê no disco inteiro do Efecto.

Os fãs da “nova MPB” pareciam muito contentes e confortáveis tanto consigo mesmos quanto com a situação do país – supondo-se que música reflita essas coisas. Mas fica difícil postar foto lo-fi do próprio tênis na internet depois de ter postado a cara do amigo sangrando. Eu adoro Marcelo Camelo, mas vai ver este é o fim de uma época.



# Pinos redondos na caminhada quadrada

Foi ainda no começo, de tarde, que Darth Vader me deu a senha. Tá bom, não era exatamente o falecido lorde Sith, mas um amigo de uma amiga com a máscara dele, segurando um cartaz estilizado que dizia: "Você não sabe o poder da força do povo". É verdade. Nem eu, nem ele, nem ninguém que estava lá, sabia.

## ROBERTO SOARES NEVES

Dizem as contagens que entre 10 e 20 mil pessoas se reuniam entre o largo do Mercado Público e a frente da prefeitura naquele 20 de junho. Estávamos todos mais ou menos fazendo um test drive na democracia. Queríamos saber como era aquela sensação de tomar as ruas para dizer o que queríamos, que a TV e a internet nos mostraram que o resto todo do país estava sentindo. Queríamos ter uma mínima ideia do poder da força do povo. Lembrar que a esse ponto as manifestações já eram louvadas até pela Veja não é o propósito desse relato.

Pequenos grupos chegavam com as suas faixas e cartazes e anunciavam-se e eram saudados aos gritos. Apesar de os dias que precederam o evento terem sido de extenso debate a respeito no Facebook, membros de partidos acataram os desejos da suposta maioria e compareceram à paisana. Choviam menções a centavos, Facebook, Brasil, letras de música, aquele deputado inominável porque demoníaco... Era uma massa multicolorida e incolor. Uma salada ativista pós-moderna brasileira.

Eram muitas as máscaras... do Guy Fawkes? Do "V de

Vingança"? Do Anonymous? A salada ativista garantiu que a imagem icônica tivesse qualquer possível aresta aparada e significasse apenas uma vontade bruta de mudança. E dê-lhe debate no Facebook pra saber quais ideais ela deveria carregar. Alan Moore não gostou nem da americanização do conflito na passagem de "V" dos quadrinhos para o cinema. Sabe deus o que pensaria disso. Fiquei curioso também pra saber quantos daqueles usuários já estiveram no /... epa. Regras 1 e 2.

## Procurando a minha turma

Mas como numa turma de faculdade, nem todo mundo ali era "a" minha turma. Então seguindo o que diz um dito dito pelo meu pai, fui procurar a minha turma. Queria testar a veracidade da faixa pendurada num tapume, que dizia que lá estavam "os loucos. Os desajustados. Os rebeldes. Os criadores de caso. Os pinos redondos nos buracos quadrados". Uma tradução errada de um comercial da Apple atribuída a Jack Kerouac pra definir o que éramos num protesto. Representativo do nosso tempo.

Começando a busca, foi

nessa hora que eu senti a presença do lado negro da força, ali pelo Mercado. Andando mais um pouco vi uma menina sorridente vestida de ironia. Camiseta do Kreator, álbum "Violent Revolution", cara pintada de verde e amarelo. "Quando tudo que vejo é repugnância e ódio, a violência se torna minha única amiga" diz a bela canção alemã. Curti.

De noite rolou uma parada na avenida e eu pude achar mais da "minha turma" dispersa na multidão. Outra menina desconhecida com um cartaz me chamou atenção. Dizia "Combater a WYRM onde quer q ela se manifeste". Duas informações, não exatamente novas, mas notáveis: ainda existem RPGistas em Pelotas e eles frequentam manifestações. Mais adiante, Zudizilla estendia o discurso do rap pra um cartaz pendurado no pescoço: "Cadeia para políticos corruptos, não para maconheiros". Justo.

Na chegada de volta ao Mercado descobri a gurizada do Hardcore Pride. Com letras do Dead Fish à disposição pra colocar no cartaz, tavam em casa. "Faça por você, faça por todos nós, faça por ninguém". Fizemos. Fim de jogo. Primeiro rolou o jogral oficial.

Depois do jogral anarquista, menor e mais divertido. Dos amigos mais engajados, arrecadei os primeiros relatos de descontentamento, que levei pra casa.

Eu sou muito sensível a multidões. Não posso ver mais de 30 pessoas fazendo alguma coisa legal que já me emociono. Com mais de 100, o choro é certo. Mas nesse caso, alguma coisa não encaixou. Fiquei procurando. Era a falta de cor. Fui parcialmente contaminado pelos alertas que chegavam via internet do país todo: se a coisa não tem lado, pode cair pra qualquer um. Se não tem cara, pode ficar feia. Conversando com a galera, tive eu que encarnar o otimista. Calculo: se a coisa não tem lado, nem cor, tem que puxar, tem que pintar. Felizmente, teve quem concordou depois.

## O segundo round

Até porque quem tava de brinks não ia voltar mesmo. Na segunda manifestação pelotense, dia 26, li que eram mais de 10 mil de novo. Mas visivelmente eram menos pessoas que na primeira. E aí ficou quem tá aí pedindo mudança desde sempre. Movimentos sociais botaram a cara.



Tinha uma bandeira de arco-íris gigante e o inominável era alvo preferencial das palavras de ordem. Sobrou até - veja você - pro prefeito.

Instrumentos de percussão também aparentemente foram liberados e compareceram, dando reforço às palavras de ordem. Nesse clima de seriedade, a fonte das piadas internas secou. Fora da política pura e simples, até o melhor (e mais adequado) cartaz

do dia era claramente combativo: "Menos coxinhas, mais revolucionários / Menos Coldplay, mais Sepultura".

## O caminhão

E tinha o caminhão de som, grande fonte de contradições do dia. Os discursos antes da caminhada deram cara e voz a movimentos e sindicatos que mereciam ter cara e voz. Mas a

pintura do incolor levou tempo demais. Pelo lado do nosso black bloc local, em dado momento já dava pra ouvir um "chega de comício". Por outro lado, uma drag queen, e depois um rapper, como que representando o que há de mais periférico nesse mundo, estiveram ali, no centro da única coisa que importava pra cidade inteira naquele momento. A performance de Bloodfill, fazendo a volta no "palco" em meio à multidão, já valeu a ida.

E quando não tinha ninguém falando, o caminhão serviu pra lembrar as minhas divergências estéticas com a esquerda tradicional: só tinha a modorrenta "Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores" pra tocar. Fiquei desejando que a guria do cartaz do El Efecto do outro dia fizesse a playlist. Aliás, o "Pedras e Sonhos" no repeat sustenta sozinho qualquer manifestação. "Mais El Efecto, menos Geraldo Vandré", pensei.

Ou poderíamos municipalizar a trilha sonora. Que hit poderia tocar no caminhão rebelde pelotense? Os "loucos de cara" do Vitor Ramil? Nah, não era hora de sumir. Talvez Freak Brotherz, "pare de falar e comece a agir"? Não, o desafio não era de mão única. Só pra sacanear, "Vandalismo" da falecida Hippies Vs. Yuppies - seja lá o que diz a letra. "Sangria", co-produção Pelotas/Arroio Grande da Doidivanas, entra pelas explicit lyrics. E na falta de mais opções,



completamos com a carreira toda do Pedro Munhoz - importado, pero no mucho.

Enfim... Com um ou outro percalço, a caminhada seguia naquilo que todo sabe ou ouviu falar. Bonito, relevante, anódino, depende da fonte. Me chamou atenção mais uma vez o Hino Riograndense, dessa vez batucado. O Rio Grande integrando o Brasil em ritmo: aí vale.

## Confusão na avenida

Tudo nos conformes, até a multidão encontrar uma igreja na avenida. Em pleno culto. Prato cheio pra um movimento cuja hashtag era #vempruarua. À aglomeração de manifestantes na frente do templo seguiu-se a chegada da polícia e a coisa desandou. Porrada, pedras voando, gente correndo, gente sentada, gente sendo presa... Pra quem quiser tirar conclusões, o Youtube tem vídeos do momento - o da Maria Bonita tem o momento exato. Vi um deles sendo produzido em câmera no meio da confusão, colado na Brigada, defendendo a mídia livre, Caio Mazzilli justificava o adjetivo "glorioso" que o Leon tascou-lhe na nossa edição de maio.

Ali quase deu pra sentir o poder da força do povo, afinal, quando se sente atacado, o império contra-ataca. Mas supor que os espíritos dos dois lados já estavam prontos pra esse embate também não é a função desse relato. Da confusão também achei massa que pelo menos uma fonte que me informou apontava como linha de frente da manifestação... skatistas?? Não tava sabendo desse movimento social. Mas beleza, curti. E uma galera acostumada a se apropriar das ruas criativamente.

A partir daí, a já fraturada caminhada foi em clima de tensão e divisão. Quando chegamos de volta na praça, era uma fração pequena do grupo que saiu. Nem eu, nem ninguém que estava lá entendeu direito. Mas quem tem respostas fáceis e prontas pra coisas como esse movimento, geralmente está errado. No final, pra maioria, acho que sobrou essa duvidosíssima sensação de dever cumprido. Nah nah nah. Voltamos com os Ewoks assim que possível.



Segunda  
linha  
WORDPRESS.COM

Depois da vitória em Porto Alegre e antes de tomar o país, a onda de protestos de junho ganhou força em São Paulo. Garcez DL estava lá no período, fez as próprias imagens e colocou no clipe de "Fator Mudança". Confira no Segunda Linha o que ele diz sobre a experiência e o novo clipe do disco "NaturezaAÇÃO".

# Cultura anárquica

Visitamos o centro cultural libertário **Okupa 171** e conversamos com seus habitantes para entender melhor o que é a cultura anarquista

**JOSÉ ANTONIO MAGALHÃES**

Percorrendo a XV de Novembro em uma noite de inverno, passa-se por tudo o que é “Pelotas” – a parte de trás da Catedral, o Café Aquários se preparando para fechar, o calçadão da XV, a Praça, o Mercado Público. Você passa pela Igreja Cabeluda e vê de relance a praça do Direito. Mas antes do misterioso castelo da XV, naquela parte da rua que nem tem mais cara de XV, fica um ponto menos conhecido da cultura de Pelotas: a Okupa 171, ocupação libertária e centro cultural autogerido. Ou algo assim.

A porta está fechada só com a grade. Chamo e vejo movimento. Colombina (os habitantes da casa pediram para ser identificados pelos apelidos) vem abrir a porta e avisa para tomar cuidado com o cimento fresco no caminho até a cozinha. A casa está em reformas, com material comprado com o dinheiro da última “pizzada”, quando mais de 60 pessoas lotaram a Okupa para comer pizza vegetariana. Na sala central, está se formando uma espécie de picadeiro para os espetáculos. Na cozinha estão Punk e Rob preparando o fogão a lenha, feito artesanalmente, para o rango da noite. Enquanto conversamos, várias pessoas vão chegando na casa e saindo, participando ou não da conversa.

No momento, seis pessoas

moram na Okupa. “Okupa” é a equivalente latina do “squat”. “É um espaço de moradia, mas também é como se fosse um centro cultural”, conta Rob, “A gente recebe muita gente aqui. As pessoas conhecem, sabem do espaço, e tal.” “Eu imagino que uma ocupação urbana tem que ter uma função social”, conta Gabi, estudante de Geografia e frequentadora do espaço, “então a ideia é sempre estar tentando fazer atividades, oficinas”. Segundo o intelectual autodidata pelotense Jarbas Lazzari, “as ocupações expressam uma rebeldia, um questionamento, que tem muito a ver com a dinâmica urbana contemporânea, a exemplo da questão imobiliária”.

Aos moradores da casa, não se exige a aderência a uma cartilha anarquista, mas sim que haja respeito, solidariedade e apoio mútuo. Ainda assim, a maioria de quem frequenta se identifica de alguma forma com o anarquismo. “Pra mim começou mais pela música”, conta Punk (o nome não é à toa), “depois comecei a saber sobre o anarcopunk. Aí começou a surgir: o que é anarquia? O que é isso? Acho que todo o mundo que começou a se identificar foi procurar saber do que se tratava, leu um teórico pelo menos, Bakunin ou Malatesta, para saber o que eles falavam naquela época.” Mas

“não tem bakunista”, brinca, debochando um pouco dos marxistas, “Hoje em dia é totalmente diferente a vivência. Então não tem por que ficar só se baseando no passado”.

Durante o século XX, a ideia da substituição do Estado pela anarquia foi gradualmente sendo substituída, entre os adeptos do anarquismo, por uma prática libertária individual e fragmentada. “Hoje eu pelo menos não penso numa importação do anarquismo ou da anarquia no que a gente vive hoje”, explica Punk, “Não, cada um vive para si a anarquia, entendeu? Vive o seu jeito”.

Essa vivência anárquica é a do “faça você mesmo”. Por conta disso, quase todos fazem algum

tipo de arte. “Eu acho que isso tá muito ligado no princípio da autogestão e da autonomia”, conta Punk. “Você aprende a fazer de tudo porque você quer ser autônomo.” “Você vai aprofundando seus conhecimentos sobre todas as coisas que você precisa pra estar vivo”, completa Colombina, e também para poder se expressar.” Punk, além de tocar vários instrumentos, fabrica-os, e Colombina é parte do Cirko Akrata (ver box).

Por tudo isso, dá para ver que a arte está diretamente ligada à postura política de cada um deles. Coringa, que há tempos desenvolve o Cirko, conta que seu trabalho “surgiu através de uma postura política como indivíduo”. “É legal que tá tudo

junto. Aa arte e a política de cada um, o questionamento”, comenta Punk.

Através das habilidades de cada um, a Okupa propõe atividades destinadas ao público, que recentemente passaram a ser organizadas através da Cooperativa171, cuja finalidade é angariar fundos para as atividades da casa, como a reforma antes mencionada e a ideia de fazer uma sala de cinema. Assim, o grupo procura criar vínculos com a comunidade, trazer o público para dentro da casa e, através desse contato, discutir possibilidades alternativas de vida. Nos quadros ao lado, listamos algumas das atividades desenvolvidas na ocupação libertária pelotense.



JOSÉ ANTONIO MAGALHÃES

Horta no teto vivo

PERMACULTURA

Um dos telhados da casa virou um “teto vivo”, onde são plantados principalmente temperos e chá. Através da cooperativa, os ocupantes pretendem angariar fundos para um novo teto vivo, onde se possa ter uma horta mais substancial, gerando alimento para a casa.



JOSÉ ANTONIO MAGALHÃES

CONTRAINFORMAÇÃO

Contrainformação ou contrainfo é a difusão independente de informação, feita através de periódicos libertários, mostras de material audiovisual, etc. A Cooperativa Ativa pretende pôr em funcionamento uma editora libertária para publicar, entre outras coisas, a zine Povo Livre.

BIBLIOTECA

A casa tem uma biblioteca onde se encontra de Proudhon ou Hakim Bey a James Joyce e mesmo Agatha Christie. “É uma baita arma pra rede de contrainfo, desde zine a reprodução de livros clássicos”, conta Colombina. Há um livro sobre Trotsky, contudo, que o grupo está oferecendo para a troca.

NOMADISMO

As okupas recebem indivíduos de outros lugares, bastando a afinidade ou uma indicação. Assim se forma uma rede entre okupas. As viagens têm a função de troca de informação e contrainformação. As okupas gaúchas estão muito ligadas às uruguaias e argentinas, pela proximidade.

FOTOGRAFIA

Na okupa funciona o laboratório de fotografia de Rob, onde ele produz suas fotos e fabrica câmeras pinhole, cuja manufatura artesanal permite a autossuficiência.

MÚSICA

No último dia 27, o festival de bandas punk organizado pela Cooperativa Ativa teve o objetivo de arrecadar fundos para o desenvolvimento do estúdio musical da Okupa.

VARIETÉS

Esporadicamente são organizadas na casa varietés, onde o palco fica aberto à inscrição de apresentações e a comunidade é convidada a participar.

OFICINAS

A realização de oficinas se relaciona com a ideia de educação libertária e função social do espaço. Na Okupa, há oficinas de pinhole ministradas por Rob, de gravura, de circo, de teatro, de software livre, segundo a disponibilidade de quem detenha cada conhecimento.

CIRKO

O Cirko Akrata faz uma arte agressiva, tratando questões como política, religião, desconstrução de gênero e desconstrução do corpo, esta última através de práticas como a modificação e a suspensão corporais. “A suspensão corporal é um ritual indígena que a gente faz resignificado dentro do nosso trabalho”, explica Coringa. Nela os praticantes ficam suspensos no ar através de ganchos inseridos na pele. Para Coringa, “as pessoas têm medo do seu corpo”, e o circo pode “desconstruir padrões de comportamento” socialmente internalizados.

Segunda linha *Leia a entrevista completa com Cirko Akrata no blog!*



Instalações de circo na sala central



**João Alfredo**

*João Tavares é um criativo profissional que atinge nível líder em procrastinação.*

## Enjoa o silêncio

Tudo isso pra sentar tranquilo no meu trono portátil e observar o que eu mereço por direito divino reificado pela minha regência. Tudo que eu preciso está aqui sob o peso dos meus ombros. Mas cuidado. O fogo pode te machucar se ele não apagar. O sol pode queimar seus olhos, por isso use filtro solar. Me permita não dizer nada. Ouça meu silêncio 10 minutos e você voltará diferente. Como a água que não passa de novo na ponte.

Muitos não entenderão. Outros saberão como dar tela azul no meu minimundo. O Lego com que brinquei está salvo num país que não se preocupa como foi sua infância. A minha foi estranha e ótima, obrigado. Anos 90 de puro culto à personalidade. Enquanto eu brincava de Lego e ouvia “Lá Vem o Negão” aprendia um sistema de promessas americanas passando por muita confusão. Eu via um mundo cheio de possibilidades e completo fora de foco. Eu via que quando um líder falava um líder morria. E nos diziam para aproveitar o silêncio. Em meio de toda essa celebração com gente esquisita os garotos atiravam uns nos outros na fazenda. A ironia é que quem sobreviveu construiu uma cultura jovem digna de bobo da corte. Melhor correr antes que você seja legal demais e morra cedo demais.

Eu não corri, eu não morri. Sobrevi a um mundo imperfeito. Fugi do teatro das crianças que viam televisão demais e principalmente dos que acreditavam demais no cinema em casa depois da aula. Bonitinhos e adestrados os pestinhos. Poderia assisti-los pra sempre, mas as relações com o mundo se davam analogicamente, o digital viria bem bem depois. Lembro que eu apenas me permitia ser assistido quando eu andava no skate com o desenho do Spiderman com um budoque no bolso a la Maestro El Barto. Aquela era a forma de me expressar e felizmente nunca achei minha Nancy.

Naqueles anos poesias divinas foram destruídas. Uma época em que você deveria aceitar calado e aproveitar as coisas que podia ver e tocar. E apenas promessas de amor e de cilada na terra tropicaliente. Aprendemos que o que era bom morria. Aprendemos que a propaganda de cigarro era mais divertida que a corrida inteira de Fórmula 1. Aprendemos a nos apaixonar pela novela infinita produzida pela Central Globo de Esportes.

Há quem diga que o silêncio aumentou. Que as pessoas estão distantes em prédios cinzas antropofágicos. Alguns mais proativos oferecem abraços grátis alegando que falta contato e intimidade, cosabemboa nesse frio. E feio fica quem não compartilha a ideia e quando todos voltam para casa continuam a sorrir, mas com os dedos asuhshusahuhasu.

Todos em segurança de suas casas quentinhas com corações conectados disparando juras de abraço. A Instituição do Abraço fundamenta-se em aproveitar o silêncio. Em dar valor ao que tem em seus braços. Que palavras são desnecessárias. Ironicamente isso é postulado através de letra e música e ecoa no silêncio há 23 anos. Silêncio enjoa, gente. Vamos fazer barulho, apenas barulho.



## Leandro Maia *Mandinho (2012)*

ROBERTO SOARES NEVES

Calculava eu em algum ano cedo demais nessa vida por que as músicas da Xuxa eram legais e as da Mara Maravilha nem tanto. A conclusão foi que as músicas da Xuxa eram voltadas pro público infantil, enquanto as da Mara eram, por algum motivo bizarro, feitas mais pra adolescentes. Olhando em retrospecto, eu tava certo (e que porra de criança chata eu devia ser): a mulher falava até de Jesus Cristo. Vamos à missa, criançada! Pura diversão.

Mas por ter tido um extenso contato (e alegria) com a mosca do Raul Seixas e a galinha do Ultraje a Rigor, posso dizer que os limites entre o que é feito para maiores e menores podem não ser assim tão visíveis. “Saltimbancos”, “Arca de Noé”, essa alta cultura pra crianças, nem tive contato. De modo que não me resta memória afetiva pra dizer como esse tipo de coisa afeta crianças.

Corte para algumas décadas depois. A indústria fonográfica, que aprendeu com a minha geração que quem não tem filtro pra gastar dinheiro é criança, se alia aos envelhecidos astros da nossa música popular, já pais de família, e aposta muitas fichas nesse público. Até a arroz de festa Ivete

Sangalo entrou na roda.

Mas tirando as motivações sentimentais, é uma leva com a qual não devemos confundir “Mandinho”, do cada vez mais pelotense Leandro Maia. Desde o nome, tirado dessa expressão extremamente local, o disco remete à sincera experiência paterna. Fora do esquema industrial e autoproduzido, “Mandinho” é mais um filho do Procultura. É o segundo disco de Maia, sucessor de “Palavreiro” (2008). E tanto na carreira solo “totalmente adulta” como no trio Nó de Pinho, ele já põe em prática uma característica importante na produção musical infantil: a variedade estilística. Além dos momentos claramente infantis, “Mandinho” tem samba, jazz, baião e coisas felizmente inclassificáveis.

Com seu estilo naturalmente suave de cantar, Maia não precisaria de muito esforço pra trocar o alvo da cantoria. Mas quando é necessário carregar na animação, sai do script, faz coro de piratas (em “Não Consigo Segurar”), chama convidados diversos. Até o homenageado Gonçalo Maia comparece nos créditos. O desfile de instrumentos do disco nem vale comentar, sob pena de subir a glicose do leitor. Só pra constar, citemos o

colega de Nó de Pinho Thiago Colombo, destruindo no violão.

Em termos de “desafio”, tem-se a impressão de que o “Mandinho” vai crescendo - e melhorando - a cada faixa. Começa entre simpático e didático e na sequência final, “Todo Mundo Mama”, “Não Consigo Segurar”, “Cacunda” e “Trem do Cerrado”, atinge o perfeito equilíbrio entre o lado lúdico e o rigor estético que permite a assimilação por parte da velhareda. Se o autor quisesse, podia até trazer do disco anterior “Dia de Avaliação (DDA)”, que aponta para a adolescência, como faixa bônus.

Já as letras permeiam essa fronteira do começo ao fim: “Samba da Páscoa” emula a mistura de exaltação e resgate histórico dos sambas-enredo e não faria feio num desfile em fevereiro. E a repetição de temas em “Todo Mundo Mama” e “Valsa do Coiote” ainda serve para atizar a curiosidade da galera. Somando tudo, “Mandinho” serviria para a criança criada a base de Xuxa e a criada a base de Raulzito - não que exista qualquer uma dessas hoje em dia, mas tem os equivalentes. E de quebra, se as belas melodias ultrapassarem ideias pré-concebidas, serve pros papais também.

